

A CRIATIVIDADE NA ARTE-EDUCAÇÃO

FÁTIMA WEBER ROSAS
fwrosas.sle@terra.com.br

1 INTRODUÇÃO

A criatividade é um dos elementos presentes no processo ensino-aprendizagem, principalmente no ensino da Arte. É comum encontrarmos professores incentivando seus alunos a elaborarem uma determinada tarefa “com criatividade”. Nos objetivos gerais do Ensino Fundamental dos Parâmetros Curriculares Nacionais¹ evidencia-se a corrente afirmação:

Questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997, p.08).

É evidente a importância de se conhecer o conceito de criatividade que se tornou muito popular na arte-educação brasileira no início do século XX, e quais implicações histórico-filosóficas estão por detrás do mesmo:

O princípio da livre expressão enraizou-se e espalhou-se pelas escolas, acompanhado pelo “imprescindível” conceito de criatividade, curioso fenômeno de consenso pedagógico, presença obrigatória em qualquer planejamento, sem que parecesse necessário definir o que esse termo queria dizer.” (IBIDEM, p.22).

Diante da valorização da criatividade na arte-educação brasileira, faço os seguintes questionamentos: Qual a importância da criatividade na arte-educação brasileira? Como

¹ PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (1ª à 4ª série): ARTE / SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. – Brasília: MEC/SEF, 1997, 130p.

avaliar um trabalho ou obra criativa? Estas são questões que o arte-educador se depara no seu cotidiano e que serão mais amplamente discutidas nas próximas linhas desta pesquisa.

2 ALGUNS CONCEITOS

Primeiramente é preciso rever alguns conceitos de criatividade e de arte-educação. Cunha² apresenta algumas definições e maneira de encarar a criatividade:

[...] a criatividade está ligada ao termo criar, isto é, dar existência, estabelecer relações. (CUNHA, 1977, p26).

A criatividade é um processo que faz alguém sensível aos problemas, deficiências e hiatos existentes nos conhecimentos, levando-o a identificar dificuldades, procurar soluções, fazer especulações ou formular hipóteses, testar e retestar essas hipóteses, modificando-as, certamente, e, numa etapa final, a comunicar os resultados obtidos.(IBIDEM, p.27).

Para Kneller³ criatividade “é o processo de mudança, de desenvolvimento, de evolução, na organização da vida subjetiva”. (KNELLER, 1978, p.13). O mesmo autor também afirma que:

A criatividade resulta da abertura em relação ao mundo exterior e, portanto, de maior receptividade à experiência. [...] A criatividade é, pois, a capacidade de permanecer aberto ao mundo. (IBIDEM, p.49 e 50).

Quanto à arte-educação, é preciso rever alguns conceitos das palavras que compõe o termo. A respeito da arte, Read⁴ afirma::

² CUNHA, Rose M. Maron. **Criatividade e processos cognitivos – um estudo teórico**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977, 62p.

³ KNELLER, George Frederick. **Arte e ciência da criatividade**. 5ª ed. São Paulo: Ibrasa, 1978, 121p.

A simples palavra “arte” associa-se na maior parte das vezes, às artes que se distinguem como “plásticas” ou “visuais”, mas, falando-se mais exatamente, também deveria compreender as artes da palavra e da música. Observam-se características comuns a todas as artes [...] a definição do que é comum a todas as artes constitui o melhor ponto de partida de nosso estudo. (READ, 1978, p.19).

Para Andres⁵ arte “é a expressão mais direta do sentimento humano, que não se fecha em si mesmo, mas irradia e participa da realidade do mundo.” (ANDRES, 1977, p.22).

Alguns conceitos de educação de acordo com Ferreira:⁶

Processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social [...] O cabedal científico e os métodos empregados na obtenção de tais resultados; instrução; ensino [...]. (FERREIRA, 2004, p.714).

O termo arte-educação surgiu no Brasil, a partir dos anos 80 como um movimento:

A partir dos anos 80 constituiu-se o movimento Arte-Educação, inicialmente com a finalidade de conscientizar e organizar os profissionais, resultando na mobilização de grupos de professores de arte [...] As idéias e princípios que fundamentam a Arte-Educação multiplicam-se no País por meio de encontros e eventos promovidos por universidades [...] com intuito de rever e propor novos andamentos à ação educativa em Arte. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997, p.30).

3 A CRIATIVIDADE E A ARTE-EDUCAÇÃO NA HISTÓRIA BRASILEIRA

⁴ READ, Herbert. **O sentido da arte: esboço da história da arte, principalmente da pintura e da escultura, e das bases dos julgamentos estéticos.** 4ª ed. São Paulo: IBRASA, 1978, 166p.

⁵ ANDRES, Maria Helena. **Os caminhos da arte.** Petrópolis: Editora Vozes, 1977, 144p.

⁶ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.** 3ª ed. Curitiba: Positivo, 2004, 2120p.

No século XVI, época do descobrimento do Brasil, a escola europeia sofreu importantes mudanças. Os preceptores dos filhos da nobreza foram substituídos pelos colégios dirigidos pela Companhia de Jesus. A escola passa a ser obrigatória. Ocorre a universalização do ensino e uma divisão do saber escolar em etapas educativas. É interessante conhecer alguns princípios e idéias que estavam por trás dessa nova constituição da escola moderna, que teve repercussões em todo o ensino ocidental e conseqüentemente no ensino brasileiro. Para isso é imprescindível a *Didática Magna* de Comenius,⁷ escrita em 1633 e finalizada em 1638. Foi o primeiro tratado sistemático da Pedagogia e da Didática:

Mostra a arte universal de ensinar tudo a todos, ou seja, o modo certo e excelente para criar em todas as comunidades, cidades ou vilarejos de qualquer reino cristão escolas tais que a juventude dos dois sexos, sem excluir ninguém, possa receber uma formação em letras, ser aprimorada nos costumes, educada para a piedade e, assim, nos anos da primeira juventude, receba a instrução sobre tudo o que é da vida presente e futura, de maneira sintética, agradável e sólida [...] (COMENIUS, 1997, p.11).

Comenius percebia a escola como uma grande instituição capaz de corrigir os indivíduos, onde todos deviam frequentá-la. “Mas quanto mais ocupada estiver a mente menor será o espaço destinado à imprudência, que nasce de mentes vazias”. (IBIDEM, p.92).

Algumas idéias de Comenius são visíveis na didática-pedagógica dos jesuítas, como a idéia de educar para a piedade, por exemplo. No Brasil colonial os membros da Companhia de Jesus foram os grandes responsáveis pelo ensino. As artes serviam como meio propagador da fé e dos interesses da corte, cujos procedimentos didático-pedagógicos rejeitavam qualquer iniciativa científica e crítica.

Com a chegada iminente da industrialização, o sistema de educação dos jesuítas não acompanhou essa realidade pré-industrial. Assim, a mando de D. José I, o Marquês de Pombal (1750-1777) reformou o ensino. As convicções pedagógicas do Marquês de

⁷ COMENIUS, Juan A. **Didática Magna**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997, 390p.

Pombal estavam fundamentadas no Iluminismo, cujas idéias eram o racionalismo, o liberalismo, o sensacionismo. Sensacionismo, segundo Ferreira, é: “doutrina de Mach segundo a qual todo conhecimento provém, e só provém, das sensações”. (FERREIRA, 2004, p.1829). Wöhl Coelho⁸ afirma que apesar da reforma pombalina o cotidiano escolar pouco mudou e a criatividade não era valorizada:

Na reforma pombalina, permaneceram como valores educacionais o reconhecimento da autoridade, a repressão das iniciativas individuais e o descaso pela criatividade. Uma herança problemática deste tempo consiste da pouca clareza na distinção dos conceitos de disciplina e criatividade. Isso conduziu a enganos e desentendimentos quanto à função e aos procedimentos do ensino de Arte e de Música nas escolas [...]. (WÖHL COELHO, 1999, p.04 e 05).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.20), com a influência das pesquisas desenvolvidas no início do século XX sobre o desenvolvimento da criança; sobre o processo criador; sob a influência das tendências estéticas da modernidade, surgiram princípios inovadores para a arte-educação, princípios estes que valorizavam a livre expressão, a sensibilização para a experimentação, visando desenvolver o potencial criador. Todos aqueles que defendiam estas idéias formavam a chamada Escola Nova. Assim o foco de atenção da educação mudou da simples transmissão de conteúdos, característico do ensino tradicional, para um foco no processo de aprendizagem do aluno, defendendo o direito do aluno de se manifestar. Assim, houve uma valorização da criatividade, coisa que não acontecia na escola tradicional. Com o tempo, o princípio da livre expressão espalhou-se e houve uma descaracterização da área de Artes devido à falta de esclarecimentos e à utilização de idéias vagas e imprecisas:

Mas o princípio revolucionário que advogava a todos, independentemente de talentos especiais, a necessidade e a capacidade da expressão artística foi aos poucos sendo enquadrado em palavras de ordem, como, por exemplo, “o que importa é o processo criador da criança e não o produto que realiza” e “aprender a fazer, fazendo”; estes e muitos outros lemas foram aplicados mecanicamente nas escolas, gerando deformações e

⁸ WÖHL COELHO, Helena. Polígrafo da disciplina de Metodologia da Educação Musical I, ministrada pela autora no semestre 1999/1, intitulado: “**Política Escolar e Cultural no Brasil**” I. 1999, 05 páginas.

simplificações na idéia original (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997, p.22).

Na década de 30, com o decreto 19.890/31 surgiu o Canto Orfeônico, criado pelo compositor Heitor Villa-Lobos, difundindo idéias nacionalistas de patriotismo e civismo no ensino da música. Mais tarde o Canto Orfeônico foi substituído pela Educação Musical, criada pela LDB 4024/61.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p.23), no início da década de 60 arte-educadores estrangeiros influenciaram fortemente o ensino da arte brasileira, questionando a idéia da livre expressão artística da criança, trazendo conceitos sobre o desenvolvimento harmônico e integral da criança, sobre a criatividade, sobre a experimentação, etc, idéias não tão novas, pois já faziam parte das discussões da área por volta dos anos 30. Entre os anos 20 e 70 o ensino da arte foi influenciado pela estética modernista e pelas idéias escolanovistas. A Semana da Arte Moderna ocorrida em 1922 foi caracterizada pelas idéias modernistas e pela busca de uma arte autenticamente nacional.

Com a LDB 5692/71, a arte entra no currículo escolar com o nome de Educação Artística como atividade educativa, mas não como disciplina. Assim entre os anos 70 e 80, os professores de artes deveriam dominar todas as linguagens artísticas, com formação polivalente em Arte. Como muitos professores não estavam habilitados nem preparados para o domínio de várias linguagens, houve uma diminuição na qualidade do conhecimento específico de cada forma artística, difundindo-se propostas de atividades expressivas e espontâneas.

Nos anos 80 surge o movimento Arte-Educação formado por artistas e professores de arte com intuito de reparar as lacunas existentes na prática educativa da arte, propondo novos rumos. Estas mobilizações geram novas concepções e metodologias na arte-educação, culminando na LDB 9394/96, cuja a Arte passa a ser disciplina obrigatória reconhecida como uma área de conhecimento e não mais como uma simples atividade. Assim o século XXI inicia com a busca de uma integração entre a prática, a apreciação da obra de arte e a sua contextualização histórica.

Muitas das idéias vindas da Escola Nova perduram através dos tempos até os dias de hoje. A criatividade é uma delas.

4 OUTRAS CONCEPÇÕES DE CRIATIVIDADE

Alguns teóricos e pensadores fazem uma relação entre criatividade e solução de problemas. Mosquera⁹ afirma que pessoa criadora é também aquela que encontra mais de uma solução para cada problema. Já Kneller (1978, p.24) discorda disso: “Nada se ganha, pois, quando se considera a criatividade como espécie de solução de problema”. Mas os autores parecem concordar que a criatividade não pertence somente às artes. Kneller (1978, p.25), Ostrower¹⁰ (1978, p.05) Mosquera (1973, p.16) também afirmam que além do artista, o cientista também é criador e que o ato de criar não é exclusivo da arte. Há também uma concordância de que a capacidade de criar esteja ligada a processos de pensamento ou à inteligência. Além dessa ligação com processos mentais, Ostrower também faz uma ligação da criatividade com a vida:

O criar só pode ser visto num sentido global, como um agir integrado em um viver humano. De fato, criar e viver se interligam. (OSTROWER, 1978, p.05).

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. (IBIDEM, p.09).

[...] O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender: e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar). (IBIDEM).

Também podemos compreender a criatividade contrastando-a com o que é tido como inteligência. (KNELLER, 1978, p.19).

De acordo com a maioria dos autores a criatividade possui uma relação com o pensamento, onde ocorre uma associação cujo indivíduo integra idéias e objetos, manipula-

⁹ MOSQUERA, Juan José Mouriño. **Psicologia da arte**. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora, 1973, 105p.

¹⁰ OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 2ª ed. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1978, 187p.

os, utilizando o pensamento divergente, ou pensamento em diversos planos cujos produtos são as criações como teorias, invenções, pinturas, esculturas, poemas, música.

A educadora musical Jannibelli¹¹ afirma que o educador deve estimular o instinto criador:

É o ato de “criar”, por conseguinte, o de originar alguma coisa. Em educação musical, se refere ao ato de *produzir sons musicais*. Criar, porém, no sentido de produzir algo “original”, tanto na forma quanto no valor artístico-musical, só é possível, quando os indivíduos alcançam um certo nível de maturidade cultural. (JANNIBELLI, 1971, p.227).

[...]Portanto, quando o educador promove uma situação em classe, no intuito de favorecer a criação musical dos alunos [...] está, unicamente, despertando o desenvolvimento, o instinto criador que existe em todo e qualquer indivíduo. (IBIDEM).

Jannibelli relaciona o instinto criador com o aspecto afetivo da pessoa: “Entendemos como criação a vivência dos fatos musicais na esfera do afetivo”. (IBIDEM). Ela também afirma que uma situação emotiva pode ser utilizada como motivação, juntamente com o despertar do senso rítmico. Este dá a forma de expressão donde surge a criação que por sua vez é aperfeiçoada pela inteligência.

5 A CONTEXTUALIZAÇÃO DAS OBRAS CRIADAS

Além dos aspectos afetivos e cognitivos que estão relacionados à criatividade, para que se possa julgar ou analisar uma obra de arte não basta apenas constatar a profundidade da mesma presente na obra. Toda a criação está envolvida numa cultura, sendo assim é preciso contextualizar, conhecer a época em que a obra foi produzida e algumas características do artista, como aspectos da cultura em que ele está inserido e o sentido social de sua arte. No entanto, Creedy¹² afirma:

¹¹ JANNIBELLI, Emília D’Anniballe. **A Musicalização na Escola**. Rio de Janeiro, Editora Lidador, 1971, 278p.

¹² CREEDY, Jean. **O contexto social da arte**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975, 189p.

Não se pode, portanto, tomar por certo que a pessoa do artista, sua classe social, seu *status* e papel social, constituam o esquema de referência básico para a análise sociológica de sua arte. (CREEDY, 1975, p.20).

De acordo com Creedy a contextualização se dá através do estudo da cultura da época e das obras e arte. E para isto existem métodos:

Para começar, existe um problema de escolha, isto é, de seleção daqueles componentes de uma cultura que são mais diretamente aplicáveis à obras de arte em consideração. Isso requer um conhecimento minucioso tanto da cultura quanto da arte de um período. (IBIDEM, p.22).

A musicopedagoga Nunes¹³ afirma: “Contextualização implica tudo aquilo que cerca a obra, desde a sua origem, como interpretações, formatos de veiculação e fruição”. (NUNES, 2005, p.21).

A criatividade já se fazia presente desde os tempos mais remotos, percebendo-se a sua importância ao longo da história brasileira. Um exemplo disso foi a arquitetura hispano-americana durante o colonialismo brasileiro. De acordo com Holanda,¹⁴ os espanhóis eram mais organizados em suas colônias que os portugueses. Eles acreditavam que o homem pudesse intervir no curso das coisas e que:

A história não somente “acontece”, mas também pode ser dirigida e até fabricada. (HOLANDA, 1971, p.64)

[...] Esse exemplo não oferece senão uma das fases da colonização espanhola, mas que serve para ilustrar a vontade criadora que a anima. Não se quer dizer que essa vontade criadora distinguisse sempre o esforço castelhano e que nele as boas intenções tenham triunfado persistentemente sobre todos os esforços e prevalecido sobre a inércia dos homens. (IBIDEM, p.65).

¹³ NUNES, Helena de Souza. **Musicalização de professores: fundamentos do método empregado pelo CAEF da UFRGS junto à Rede Nacional SEB/MEC para Capacitação Continuada de Professores: livro do professor**. Porto Alegre: CAEF da UFRGS, 2005, 100p.

¹⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora em convênio com Instituto Nacional do Livro – MEC, 1971, 155p.

Talvez os espanhóis estivessem antecipando algo que se desenvolveria mais tarde na cultura moderna, inicialmente na arquitetura, o chamado projeto¹⁵:

O projeto, entretanto, é uma forma particular de antecipação que se desenvolverá com a cultura moderna. Engloba dois momentos da atividade criadora: a concepção e a realização, que são autônomos, mas associados [...] (RANGEL, 2005, p.56)

[...] Foi na arquitetura, em primeiro lugar, que a improvisação deu lugar a uma preparação metódica constituída pelo trabalho de elaboração, de concepção da criação. (IBIDEM).

De acordo com Faoro¹⁶(2004, p.189) os portugueses utilizaram uma estrutura jurídica, militar e eclesiástica rigorosa para controlar a colônia brasileira. Na tentativa de proibir, ou melhor coibir a arte que não fosse útil aos seus interesses, bem como a criatividade, o tabu acabou tornando-se tótem, ou seja, o que era proibido acabou sendo buscado e quase adorado. Contudo, não é justo desmerecer o povo luso que tanto contribuiu na formação da cultura e da arte brasileira. Com toda essa valorização do poderio militar, os portugueses construíram fortes, alguns tombados como patrimônio cultural.

6 CONCLUSÃO

Conclui-se que a criatividade é um elemento importante na arte-educação, termo esse que ficou popular no início do século XX, provindo das tendências estéticas da modernidade que influenciaram a Escola Nova, e que, apesar das mudanças legais e políticas ao longo da história da educação artística brasileira, encontra-se presente até o dias de hoje.

Dentre os autores pesquisados percebe-se que a produção dos pensamentos fazem parte do processo que gera a criatividade e que esta está ligada à vida, ao afeto, à

¹⁵ RANGEL, A. P.; NUNES, H. S.; BERGER, S.; BARRETO, U. **Teoria Pedagógica do Centro de Artes e Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: fundamentos do método empregado para a rede de formação continuada de professores.** Porto Alegre: CAEF da UFRGS, 2005, 95p.

¹⁶ FAORO, Raymundo. **Os donos do poder 1.** 16ª ed. São Paulo: Editora Globo, 2004, 397p.

inteligência, à ação “dar forma”, à capacidade de compreender e relacionar e que para se julgar, avaliar ou analisar uma obra artística é preciso examinar o contexto do artista ou criador (aspectos da sua vida) e do produto (objeto criado). Cada vez mais os fatores sócio-culturais são valorizados na produção artística. O distanciamento entre a arte produzida na escola e a arte produzida na sociedade torna-se cada vez mais estreito. O processo ensino-aprendizagem necessita estar conectado com a vida do educando, bem como a produção artística. Para isso é preciso conhecer e reconhecer o contexto sócio-cultural em que a obra está inserida.

Além da contextualização das obras criadas, é imprescindível o conhecimento do termo criatividade e como empregá-lo. Assim sendo, é necessário uma análise do momento histórico que ele surgiu e quais as tendências filosóficas que o influenciaram, para que não se empregue o termo vagamente, correndo o risco de más interpretações que aconteceram ao longo da história da arte-educação brasileira, quando a livre expressão e o processo criativo foram super valorizados, esquecendo-se da importância do acompanhamento do professor na construção dessa criação e a importância do resultado da mesma, ou seja, o produto final.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉS, Maria Helena. **Os caminhos da arte**. Petrópolis: Editora Vozes, 1977, 144p.
- CREEDY, Jean. **O contexto social da arte**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975, 189p.
- CUNHA, Rose Marie Maron da. **Criatividade e processos cognitivos – um estudo teórico**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977, 62p.
- COMENIUS, Juan A. **Didática Magna**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997, 390p.
- FAORO, Raymundo. **Os donos do poder 1**. 16ª ed. São Paulo: Editora Globo, 2004, 397p.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira**. 3ª ed. Curitiba: Positivo, 2004, 2120p.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 6ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora em convênio com Instituto Nacional do Livro – MEC, 1971, 155p.
- JANNIBELLI, Emília D’Anniballe. **A Musicalização na Escola**. Rio de Janeiro, Editora Lidador, 1971, 278p.
- KNELLER, George Frederick. **Arte e ciência da criatividade**. 5ª ed. São Paulo: Ibrasa, 1978, 121p.
- NUNES, Helena de Souza. **Musicalização de professores: fundamentos do método empregado pelo CAEF da UFRGS junto à Rede Nacional SEB/MEC**

para Capacitação Continuada de Professores: Livro do professor. Porto Alegre: CAEF da UFRGS, 2005, 100p.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** 2ª ed. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1978, 187p.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (1ª à 4ª série): ARTE / SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. – Brasília: MEC/SEF, 1997, 130p.

RANGEL, A. P.; NUNES, H. S.; BERGER, S.; BARRETO, U. **Teoria Pedagógica do Centro de Artes e Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: fundamentos do método empregado para a rede de formação continuada de professores.** Porto Alegre: CAEF da UFRGS, 2005, 95p.

READ, Herbert. **O sentido da arte: esboço da história da arte, principalmente da pintura e da escultura, e das bases dos julgamentos estéticos.** 4ª ed. São Paulo: IBRASA, 1978, 166p.

WÖHL COELHO, Helena. Polígrafo da disciplina de Metodologia da Educação Musical I, ministrada pela autora no semestre 1999/1, intitulado: **“Política Escolar e Cultural no Brasil” I.** 1999, 05 p.

